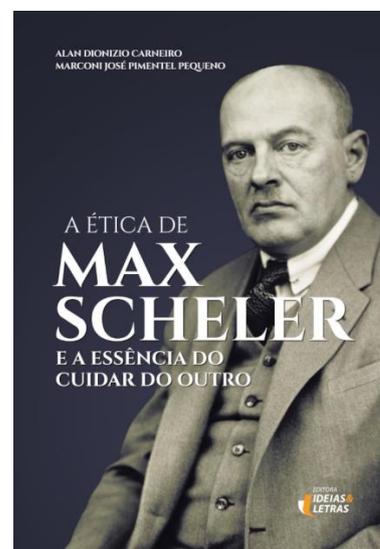


RESENHA



194

CARNEIRO, Alan; PEQUENO, Marconi. A ética de Max Scheler e a essência do cuidar do outro.

Willian C. Kuhn

Instituto Federal do Mato Grosso – IFMT

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE¹

No primeiro capítulo do livro intitulado “A ética de Max Scheler e a essência do cuidar do outro” os autores Alan Dionizio Carneiro e Marconi José Pimentel Pequeno iniciam tecendo uma análise sintética do conceito de pessoa, sua etimologia e a contextualização de tal conceito dentro da obra do autor. Carneiro e Pequeno (2021) trazem à lume o debate de outros filósofos em torno do tema do homem e a sua relação com a vida, como é o caso de Nietzsche, Dilthey e Bergson, autores de peso na discussão que Scheler quer desenvolver, visando com isso assentar as bases sobre as quais o pensamento scheleriano é fundado.

¹ E-mail: willianckuhn@gmail.com

RESENHA

CARNEIRO, Alan. & PEQUENO, Marconi.

A ética de Max Scheler e a essência do cuidar do outro.

Em uma análise mais profunda, são, então, apresentados alguns temas que o filósofo alemão lida no trato do conceito de pessoa. Tal é o caso de seu valor próprio enquanto pessoa (não em relação a outros seres) que se mostra intrinsecamente ligado à sua constituição tanto essencial quanto existencial de liberdade. Sua relação com o corpo, portanto, mostrar-se-á de modo destacado dos demais seres vivos, o que possibilitará Scheler a dizer que a pessoa “tem um corpo” ao invés de identificá-la como “sendo um corpo”. Assim, a pessoa é inobjetivável. Os autores também delineiam esta que é uma das características mais peculiares a ontologia da pessoa em Scheler, a qual conduzirá a investigação a uma antropologia filosófica, a saber: a relação da pessoa com o ser infinito, ou como o filósofo gosta de nomear “o fundamento do mundo”. É nesse sentido que se faz digno de ênfase a abordagem direta da última fase de pensamento do filósofo, isto é, sua antropologia filosófica. Faz-se ver então, com os comentadores, que se trata de uma parte de seu pensamento que se manteve fragmentária, ainda que uma das ideias mais características tenha sido mantida sob certo alinhamento sistemático, como é o caso da construção que o filósofo faz da estrutura fundamental na qual o ser do homem aparece, a saber: a hierarquia do ser psicofísico. Para finalizar o primeiro capítulo os autores fazem uma breve retomada dos conceitos centrais de algumas das obras elementares de Scheler, nas quais são tratados o conceito de pessoa e a problemática do homem, como é o caso de “Sociologia do saber” e “Metafísica da liberdade”.

Em segundo lugar na ordem capitular, os autores tratam daquele tema que talvez tenha rendido maior reconhecimento de Scheler, a saber: a axiologia fenomenológica. De fato, ao tratar do ser da pessoa, a fim de explicitar a ideia fundamental de Scheler, parece fazer-se necessária a abordagem do conceito de valor, uma vez que para o autor, a pessoa é aquele ser no qual o valor alcança seu ápice enquanto depositário. Resta aos autores explicitarem em que sentido o valor é “ser”, uma vez que aí reside uma polissemia. Como fazem compreender, os valores são transcendentais à pessoa e constituem-se como realidades próprias.

Ora, inegável se torna aqui a explícita conexão com o conceito platônico de “ideia”. Conexão esta que não deve ser confundida com uma conciliação perfeita entre tais autores. Carneiro e Pequeno mostram, então, o procedimento scheleriano em sua Ética, de separar “bens” de “valores”, sendo que estes últimos são anteriores ontologicamente, e portanto, independentes de seus bens. Em paralelo a essa análise, faz-se também ver na obra acerca de Scheler sobre a qual aqui se resenha, a relação entre “valor”, e “dever”. Este último divide-se, pois em uma faceta ideal e outra normativa. Assim, o dever-ser *ideal* mostra-se como funcionalização da conquista moral do indivíduo, enquanto que o *normativo* mostra-se mais enquanto uma instância da obrigação. Aprofundando-se no exame dos valores, os comentadores de Scheler tratam, inclusive da questão do conhecimento dos valores: para estes, o conhecimento dos valores se dá no terreno da experiência fenomenológica (e não no campo empírico), ainda que os valores sejam “a priori material”. Os valores, como são conteúdos *a priori* são intuídos como essências. Para trazer clareza a esse tema denso em Scheler, os autores trazem uma das definições de Scheler do que este entende com

o termo “*a priori*”: uma “unidade significativa ideal dada por si mesma no conteúdo da intuição imediata”. A seguir, então, mostra-se em que sentido os valores podem ser *a priori* no sentido “emocional”.

Ora, Scheler, conforme explicitam os autores, é partidário da ideia de que a pessoa humana, em seu aspecto moral e prático é primariamente seguidora de uma lógica emocional, diferentemente do que tradicionalmente se admitiria. Isto não significa que a razão seria colocada de lado na esfera das decisões práticas, mas colocada como secundária e subserviente à “lógica do coração”. No mesmo capítulo, segue ainda uma explicitação mais profunda da axiologia de Scheler ao apresentarem a herança scheleriana das relações onto-axiológicas de Brentano, mostrando a tabela de valoração em termos dos casos de existência de valores positivos e negativos. Com base nisso, Scheler também torna-se apto a mostrar como o dever pode se apoiar nos valores. Mostra-se a seguir em que sentido as ações se diferenciam em boas e más.

Seguindo na exposição, chega o momento de apresentar um dos pontos mais distintos da axiologia scheleriana, a saber: a hierarquia dos valores. Nesse contexto é que se mostram os valores do agradável e do desagradável (que se derivam no útil e seu antípoda); os valores vitais (donde o nobre e o vulgar); os valores espirituais (valores estéticos, justiça e conhecimento da verdade, por exemplo); e, por fim, os valores do Santo e do profano (valores pessoais). Um critério bem valioso que os autores fazem notar em sua explicitação é o critério que encontram como distintivo na classificação da hierarquia, isto é, o caráter de desprendimento do vital ou, ainda, de sublimação, distinção tal que faz com que haja efetivamente um ordenação hierárquica. Na prática, os valores mais baixos assim se constituem porque estão mais atados à vida, à esfera do vital, enquanto que os mais altos se mostram como tais por conta justamente de seu desprendimento do vital, uma vez que caracterizam-se como essências espirituais valorativas. Ora, o caráter “espiritual” da pessoa certamente não deve ser entendido como uma forma de misticismo, mas, de uma ontologia/metafísica.

Para completar a análise sobre os escritos de Scheler, Carneiro e Pequeno (2021) dão enlevo àquele que seria uma pretendida continuidade da Ética scheleriana, isto é, a teoria postumamente publicada por Maria Scheler: a teoria dos modelos de líderes. Aqui se consuma a teoria dos valores no sentido de mostrar quem são os reais depositários dos valores, desde os mais baixos (agradáveis) até os mais altos (do sagrado). Um *modelo* para Scheler é um guia no sentido moral que, por apresentar valores positivos mais elevados molda o caráter de seus seguidores. Inevitável se torna, então, mencionar quais seriam os tais modelos de pessoas valiosas nos quais determinados valores ou virtudes estariam depositados. Ora, os primeiros valores, do agradável e do útil estariam no artista e pioneiro da civilização; os valores vitais se concentrariam no herói; os espirituais no gênio; e, por fim, os valores do sagrado, ou seja, os mais elevados espiritualmente (menos atados ao orgânico) se plasmariam no Santo.

Após terem apresentado as concepções centrais da pessoa e da axiologia, os autores seguem para uma análise da fenomenologia das emoções, tema que dispense a abordagem da percepção sentimental, a simpatia, a percepção do outro e o *ordo amoris*. Inicialmente os comentadores se esforçam por introduzir o tema da fenomenologia dos afetos buscando elucidar a diferença entre afetos, paixões e sentimentos, e para isso recorrem a outros autores. Ao retornarem a Scheler, mostram que a intencionalidade para Scheler é própria da pessoa, no sentido de ser uma “função percipiente do ser” (das *fühlen*) a qual se distingue claramente de um estado de sentimento. Em Scheler, a vida afetiva é na compreensão dos comentadores melhor compreendida a partir de uma distinção entre esferas nas quais variados tipos de sentimentos se manifestam: a esfera dos sentimentos sensíveis (ligados ao corpo); dos sentimentos vitais e corporais (estados corporais como o bem-estar); dos sentimentos anímicos puros (a tristeza e a alegria) e dos sentimentos espirituais (felicidade suprema e serenidade).

A análise da fenomenologia dos afetos scheleriana se desdobra, então, no livro aqui resenhado, em uma exposição do fenômeno afetivo da simpatia. A profundidade de Scheler é então explicitada quando se vê tal fenômeno que *prima facie* sugere-se como algo simples, em um fenômeno multifacetado e dividido em camadas de expressão, que vai desde o “sentir algo com o outro” (*Das unmittelbare Mitfühlen*); passando pelo “simpatizar algo” (*Das Mitgefühl an etwas*) e o “contágio afetivo” (*Die blossе gefühlsansteckung*); até chegar na “genuína unificação afetiva” (*Die echte Einfühlung*). Finalizando o terceiro capítulo é tecida uma síntese daquele conceito que certamente recebeu alguma influência de Pascal, a saber: *Ordo Amoris*. Tal conceito se encontra nos escritos postumamente publicados pela esposa de Scheler em 1933, mas que foram escritos contemporaneamente à *Ética*, em 1913 a 1916. Os comentadores de início advertem para se evitar a confusão entre uma análise fenomenológica acerca do fenômeno afetivo do amor (a qual é o caso de Scheler) e um texto qualquer de conotação sentimentalista. Trata-se, portanto, de uma análise filosófica, que coloca um fenômeno não só humano, como também concernente ao fundamento da realidade, sob o foco da razão. Aqui mostra-se uma síntese das ideias de Scheler acerca do amor, sendo este: o fundamento de todos os atos de vontade de percepção e de pensamento, além de ser a tendência para o bem maior da pessoa.

No quarto e último capítulo nota-se a ênfase que os autores dão ao título do livro: “A *Ética* de Max Scheler e a essência do cuidar do outro” pois é todo ele dedicado às múltiplas formas pelas quais o fenômeno do cuidado pode ser entendido. A análise principia da análise etimológica do termo latino “cura” como “zelo”, “encargo”. A princípio, consonante à forma como os autores apresentar tal fenômeno, o cuidar se mostra como uma ação pessoal em prol de outrem que não necessariamente consiga preservar de modo intacto a liberdade e a vontade do outro. É, sim, uma disposição de ânimo, ou ainda, uma ação espontânea do indivíduo que se mostra como avessa à posse e ao paternalismo, visto que anulariam a personalidade do outro. O cuidar mostra-se, se passamos a uma análise axiológica, um valor positivo contrário ao descuidar. Ou seja, o cuidar é um ato que promove o bem-estar, é concernente ao bem

peçoal de cada ser atendido. O cuidar para Scheler, conforme os autores, se trata também de atenção e solicitude. Nesse sentido até os animais poderiam ser portadores de tal ato. Entretanto, para Scheler o ato do cuidar demanda algo a mais, demanda um amor espiritual na aceitação prévia do outro como um igual e, além disso, a humildade, isto é, a “disposição da pessoa para servir”, o que, por sua vez, não deve ser confundido com servidão. Acabada a apresentação sintética de cada capítulo, percebe-se de modo geral que os autores se utilizam de uma linguagem clara e abrangente do pensamento scheleriano, oferecendo um panorama a um leitor inicial do filósofo alemão.

Submetido: 03 de julho de 2022

Aceito: 02 de agosto de 2022